

## Cristãos e muçulmanos: coexistência impossível?

27/07/2016

Maria Clara Lucchetti Bingemer  
professora do departamento de teologia da PUC-Rio

O mundo assiste perplexo a mais uma performance destruidora do Estado Islâmico. E mais uma vez na França. Agora, a vítima mais evidente é um ancião de 86 anos, padre católico, responsável pela igreja de Saint Etienne du Rouvray, ao norte do país. Obrigado a ajoelhar-se diante de outros paroquianos, entre eles uma freira que conseguiu escapar e vários outros, padre Jacques Hamel foi decapitado diante de todos.

Pela seriedade do fato e por ser o mais recente de uma série, importa refletir atentamente sobre o ocorrido. Trata-se de uma guerra, sim, do EI contra o Ocidente, mas um tipo diferente de guerra. Como diz Xavier Pikaza, teólogo espanhol, não uma guerra de religiões, mas a Guerra da Religião.

O EI e sua prática terrorista tem se empenhado em atacar pontos, lugares, situações simbólicas fortes do Ocidente e sua civilização. Assim é que a mortal sequência que se arrasta desde janeiro de 2015 inclui: o ataque a um periódico satírico que simboliza a liberdade de expressão e não poupa a religião, seja ela qual for (Charlie Hebdo); o ataque a uma sala profana de espetáculos (Bataclan, Paris); contra a celebração da festa nacional francesas (Nice). Chegou a hora da Igreja Católica. Embora tenha acontecido em uma pequena igreja, foi um ataque ao cristianismo francês – nunca é demais recordar que a França é a filha mais velha da Igreja – e a vítima é um padre que celebra o rito por excelência do catolicismo: a Eucaristia. Seu assassinato também é feito dentro do ritual islâmico djihadista radical.

O delegado para as relações inter-religiosas da diocese de Lyon, Christian Delorme, alerta para o risco de o EI obter o que busca: o esgarçamento e a ruptura definitiva entre muçulmanos e cristãos. Para isso, apela à solidariedade entre essas duas grandes religiões monoteístas: "É preciso que cada um esteja consciente de que aqueles que dizem pertencer ao Estado Islâmico desejam o caos, a guerra. E de nenhuma maneira devemos dar-lhes este presente. Pois não ultrapassaremos esta situação senão juntos e solidários. Nossa salvação virá de nossa solidariedade com a comunidade muçulmana, ela também vítima dessa barbárie."

Alguns poderão tachar de ingênua a afirmação de Delorme. Ao que me parece falta-lhes razão. Igualmente falta-nos a todos maior acuidade de olhar e discernimento dos objetivos mais profundos do grupo radical auto proclamado EI. O que desejam destruir é aquela interface, aquela zona de relacionalidade onde se misturam muçulmanos e não muçulmanos, que desafiam os mais obscuros prognósticos vivendo pacificamente juntos.

A igreja atacada na Normandia situa-se não longe de uma mesquita. Havia entre as duas trabalhos pastorais conjuntos, entre eles um comitê interconfessional, onde discutiam e rezavam juntos. Ali foi celebrado, pouco tempo atrás, o funeral do paraquedista muçulmano que era religioso, mas contra o radicalismo do EI. A pretensão do califado é dividir o mundo em branco e preto, e não aceitar nenhuma síntese, nenhuma flexibilidade de relacionamentos. Por isso, os atentados sempre atingem situações desta "zona cinza", *zone grise* segundo jornalistas franceses, onde as diferenças convivem e se enriquecem mutuamente.

Se o EI faz esses ataques e nós o condenamos, da mesma forma não podemos cair na armadilha de derramar sobre a mídia mensagens cheias de ódio,

racismo e islamofobia. Isso significa entrar no jogo dos terroristas e, mais ainda, fazer uma cruzada anti-islâmica, como parece ser o objetivo deles: fazer uma cruzada antiocidental e anticristã.

Não se trata de ingenuidade, mas de estratégia inteligente e de fé e prática do Evangelho, que proclama incansavelmente que todos os seres humanos podem e devem conviver pacífica e fraternalmente, apesar de todas as dificuldades. Que a morte do padre Jacques Hamel, assim como de todas as outras vítimas do terrorismo – entre elas vários muçulmanos – possa inspirar-nos a tentar construir um mundo melhor, onde a convivência pacífica e fecunda seja o pão de cada dia e o empenho maior.